

## Entrevista com André Mehmari

realizada pela aluna-bolsista Lolita Campani Beretta.

**Em algum momento, você declarou ter amor, e não respeito, pela canção. Como essa diferença se mostra na sua postura na hora de se inserir nesse universo, como artista diante de uma tradição? De que maneira isso se relaciona com "ser responsável com a música"?**

Tenho também muito respeito pela canção (e não somente canção), claro. Afinal, a tradição é meu próprio DNA como artista. Zelo por esta tradição ou legado porque é minha própria essência, sobrevivência e motivação para seguir adiante. Quando eu digo do amor, quero dizer que uma postura clínica e excessivamente conservadora pode levar a abordagens que nada acrescentam ao original e não apontam para nenhum futuro ou continuidade viva desta

tradição. Ao contrário, engessam e fazem de tudo um cinzento museu.

Obviamente não há aqui nenhum 'chute', minhas escolhas musicais são sempre rigorosas, nunca gratuitas. Resumindo, quero colocar minha digital em cada canção que abordo. É o que tenho feito (com respeito e principalmente paixão) desde o meu primeiro CD, gravado em 1998.

Li que quando Stravinsky foi duramente criticado pelo uso (nada convencional) da música de Pergolesi em sua sensacional *Pulcinella*, o grande compositor russo declarou que amava Pergolesi, e não meramente o respeitava. Daí minha citação!

**Sobre a arte da improvisação, sabemos que é algo que lhe é muito caro. Que limites, dificuldades e possibilidades você encontra - para o gênero e para a sua própria prática -, passando por questões algumas vezes trazidas por você, como o 'improviso narcisista' e os problemas de uma didática do improviso? Como saber quando se torna uma boa variação?**

Um bom improviso é cativante porque possui uma lógica interna forte, capaz de soar 'composto' de antemão. O narcisismo ocorre quando o instrumentista, desprovido de idéias musicais fortes, prefere exibir as possibilidades acrobáticas de seu instrumento. Isso também pode exercer algum fascínio sobre ouvintes menos exigentes. É claro que um verdadeiro virtuose pode utilizar todos os seus amplos recursos técnicos e até frases musicais recorrentes que lhe são peculiares, que caracterizam sua

personalidade, sem cair no circo.

O improviso como variação é bem sucedido quando é um comentário do material temático (rítmico ou melódico ou harmônico) original, levando o ouvinte para uma escuta diferente daquele original, evidenciando por outro ângulo sua essência, aquilo que mais fortemente o caracteriza. As dificuldades envolvem chegar a um equilíbrio entre espontaneidade (fundamental num improviso), consistência e bom acabamento de execução (som, articulação, precisão). Como se sabe, criação em 'tempo real', não nos dá a possibilidade de voltar e retrabalhar. O que soou, soou! O que se pode é transformar um 'erro' em idéia construtiva. Thelonius Monk dizia que o improviso é uma constante correção de erros. Ou ainda lamentava que em determinado improviso havia cometido os 'erros ruins'. A principal escola de improviso é botar a mão na massa e ouvir os grandes mestres em doses gigantes. Toda metodologia em torno de improvisação pode ser útil num nível muito básico como escalas, modos etc. Quando avança no campo verdadeiramente criativo, fica perigoso padronizar o 'ensino' desta prática, na minha opinião.

**"De tudo quer nascer uma música" x "inspiração é transpiração, e não uma bela paisagem". Que lugar é esse, da sua criação?**

Nem sei bem onde fica este lugar, mas é sempre muito ruim quando demoro a chegar lá! Para mim é como sintonizar uma estação de rádio, esse negócio de inspiração. Às vezes buscamos uma sintonia muito fina e tudo à volta conspira para quebrar esta conexão. Inspiração existe sim e é o que torna uma obra de arte necessária e vital. Mas é um lugar aonde se chega, e não algo que se espere chegar de mão beijada. Envolve esforço e a tal da transpiração que também é excelente pessoa. De tudo quer nascer uma música, disse um dia

João Guimarães Rosa. O compositor só recebe o recado e traduz, com os instrumentos (internos e externos) de que dispõe.

**Como levar a música a "saltar do quadro" de um museu para torná-la um elemento vivo da cultura de um país? E que papel essa música pode ou deve assumir, no caso da música instrumental no Brasil?**

Música feita com paixão, verdade artística e competência sempre salta do quadro e atinge a alma. Nosso país é privilegiado com o mais fantástico cancionário popular do mundo. É só abrir o 'livro' e folhear o desfile das obras-primas, de norte a sul um cenário de impressionante qualidade e diversidade cultural. Temos grandes intérpretes e instrumentistas em toda parte. Nosso país É musica! Temos que merecer isso tudo.